

LUÍS DA SILVA E A INSTABILIDADE DE UM PARAFUSO ESPANADO

CÉSAR FILIPE PEREIRA (Doutorando)
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Curitiba, Paraná, Brasil
(cesarfelipe@gmail.com)

RESUMO: O presente ensaio propõe, como chave de leitura para o romance *Angústia* (1936), de Graciliano Ramos, a imagem do parafuso, bem como de algumas metáforas relacionadas a esse objeto, de que o narrador-protagonista, Luís da Silva, se vale para caracterizar as outras personagens e a si mesmo. O objetivo principal é procurar constatar de que maneira este problema central, o da representação do outro pelo narrador, é tratado na obra ficcional em questão. A solução apresentada por Graciliano se mostra complexa desde o início da narrativa, o que leva à proposição de investigá-la a partir da seguinte questão norteadora: qual seria a posição ocupada pelo narrador em relação aos outros, ou seja, a partir de onde esse narrador fala?

Palavras-chave: Alteridade. Literatura brasileira. Graciliano Ramos. *Angústia*.

Artigo recebido em 07 jul. 2017.

Aceito em 23 jul. 2017.

LUÍS DA SILVA AND THE INSTABILITY OF A STRIPPED SCREW

ABSTRACT: This essay proposes, as a reading key to the novel *Angústia* (1936), by Graciliano Ramos, the image of a screw, as well as some metaphors related to this object, that the narrator-protagonist, Luís da Silva, uses to portray other characters and himself. The main goal is to establish how this central problem, the representation of the other by the narrator, is treated in the fictional work in analysis. The solution presented by Graciliano seems to be complex from the very beginning of the narrative, which leads to the proposition of investigating it according to the following guiding question: which would be the position occupied by the narrator in relation to others, i.e., from where does this narrator speak?

Keywords: Otherness. Brazilian literature. Graciliano Ramos. *Angústia*.

INTRODUÇÃO

*Diferiam muito umas das outras, mas havia
qualquer coisa que as aproximava,
com certeza os remendos, a roupa suja, a
imprevidência, a alegria, qualquer coisa.
Eu é que não podia entendê-las. – “Sim senhor.
Não senhor.” Entre elas não havia
esse senhor que nos separava. Eu era um
sujeito de fala arrevesada e
modos de parafuso.*

Graciliano Ramos

Ao finalizar uma primeira leitura de *Angústia* (1936), romance do escritor alagoano Graciliano Ramos, constata-se que ele é construído de tal maneira que seu fim está atrelado a seu início. A imagem do parafuso, portanto, já se faz presente na própria estrutura da narrativa, em sua materialidade formal. Além disso, está-se diante de uma obra dividida não em capítulos, mas em segmentos; percebe-se, de imediato, que essas separações ocorrem por meio da utilização de

três asteriscos, e que o último segmento, o “capítulo final”, liga-se aos seis segmentos iniciais em uma unidade narrativa à parte, na qual o delírio de Luís da Silva encontra-se mais intenso. Como bem aponta o crítico Otto Maria Carpeaux em *Visão de Graciliano Ramos*: “Após ter lido *Angústia* até o fim, é preciso reler as primeiras páginas, para compreendê-las. É um mundo fechado em si mesmo” (CARPEAUX, 1997, p. 236-237). É preciso dizer ainda que a porção intermediária do romance, por sinal a mais extensa, inicia-se apenas no oitavo segmento e encerra-se ao final do penúltimo. Interessa, no momento, seguir o conselho de Carpeaux e refazer a trajetória angustiante do protagonista, para se ter uma ideia mais clara do que ele quer dizer.

AS PRIMEIRAS VOLTAS DO PARAFUSO OU “SENTIDO HORÁRIO”

O efeito de circularidade transparece logo na primeira página do romance, quando o narrador comenta que “as escoriações das palmas cicatrizaram” (RAMOS, 1997, p. 7). Diante disso, indaga-se: “Ora, que escoriações?”. Algumas páginas depois e ainda sem uma resposta, o leitor atento deve pensar: “Aí tem coisa”. Vem-se a saber do que se trata somente próximo ao término do livro: as tais escoriações estão ligadas ao crime cometido pelo protagonista. O agente da narrativa é Luís da Silva, 35 anos de idade, um pequeno funcionário de repartição, além de jornalista, ou melhor, um “escrevinhador”, um “homem de ocupações marcadas pelo regulamento” (p. 34). De sua mesa de jantar, que é também a sua mesa de trabalho, seu gabinete doméstico, ele observa e imagina tanto o presente quanto o passado, reelabora fatos e sonha acordado. Como o próprio personagem afirma:

Ando no mundo da lua. Quando saio de casa, não vejo os conhecidos. Chego atrasado à repartição. Escrevo omitindo palavras, e se alguém me fala, aconteceme responder verdadeiros contra-sensos. Para limitar-me às práticas ordinárias, necessito esforço enorme, e isto é doloroso. Não consigo voltar a ser o Luís da Silva de todos os dias. (RAMOS, 1997, p. 132-133)

Para alcançar o significado dessas palavras, é imprescindível aprofundar-se um pouco mais na biografia de nosso retratado. Trata-se de um personagem que provém de uma família que detinha um certo status social: seu avô, Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva, por exemplo, era um sujeito respeitado pelos matutos do sertão mesmo depois da escravidão e, quando se encontrava bêbado, era por um deles, já alforriado, cuidado e levado para casa. No entanto, essa linhagem da qual descende o protagonista decaiu ao longo das três últimas gerações, até vir a encontrá-lo na atualidade da narrativa, desajustado da realidade circundante. O professor Rui Mourão esclarece essa situação:

PEREIRA, César Filipe. Luís da Silva e a instabilidade de um parafuso espanado. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 1 (2017), p. 150-165.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 jul. 2017.

Com *Angústia*, volta o problema da classe média a ser abordado, agora dentro da moldura de um centro urbano de maiores proporções. Descendente de uma estirpe de fazendeiros, Luís da Silva, burocrata e jornalista, é homem que integra a pequena burguesia da Capital, mas nessa condição se sente desajustado, por não haver abdicado da ética do mundo da sua criação. Vítima inegável das transformações operadas na sociedade em que vive (...) é consciente dessa contingência. (MOURÃO, 2003, p. 166)

O pai de Luís, por sua vez, já não era respeitado por ninguém, porque se ocupava lendo romances no copiar da fazenda. Para o protagonista, Camilo Pereira da Silva “parafusou no romance e me transmitiu esta inclinação para os impressos” (RAMOS, 1997, p. 141), ou seja, para uma cultura “livresca”. Ao ter herdado esse hábito do pai, sempre que Luís voltava da repartição, ao final do expediente, punha-se a ler um livro sob a sombra da mangueira: “Tinha lido muitos livros em línguas estrangeiras. Habituei-me a entender algumas. Nunca me serviram para falar, mas sei o que há nos livros. Certas personagens de romances familiarizaram-se comigo” (RAMOS, 1997, p. 167)

Na época que se sentava em seu quintal, na Rua do Macena, perto da Usina Elétrica da Companhia Nordeste, na cidade de Maceió, tudo ia relativamente bem para Luís. Ele não acumulava dívidas e até tinha algum dinheiro guardado no banco. No entanto, no oitavo segmento do livro, o narrador relata como lhe chegou aos olhos “uma sujeitinha vermelhaça, de olhos azuis e cabelos tão amarelos que pareciam oxigenados” (RAMOS, 1997, p. 33). Fora no ano anterior ao presente narrativo, quando Luís, escondido sob a aba de seu chapéu e suspendendo um livro diante de si – no melhor estilo Humbert Humbert de ninfolepsia¹ – divisou Marina no quintal vizinho. O narrador dá o tom exato do jogo que se desenvolveria ali: “Um galo no galinheiro pôs-se a arrastar a asa a uma franga. Eu estava fazendo ali a mesma coisa, apenas com mais habilidade e mais demora” (RAMOS, 1997, p. 57). Pronto, a trama está armada. Caso estivéssemos diante de uma peça teatral, poderíamos dizer que o desencadeamento dramático se punha em marcha. Ou seja, estamos diante daquela criatura que está na base da angústia de Luís, quem transforma, ou melhor, quem transtorna a sua vida – mas ainda não sabemos disso –, pois em *Angústia* “tudo gira em torno de Marina” (MOURÃO, 2003, p. 95). O caso é que Luís da Silva se interessa pela moça que, segundo suas palavras, era “Frívola, incapaz de agarrar uma idéia (sic), a mocinha pulava como uma cabra em redor dos canteiros e pulava de um assunto para outro” (RAMOS, 1997, p. 39), uma

¹ Em referência ao romance *Lolita* (1955), de Vladimir Nabokov, em que o protagonista, o professor Humbert Humbert, se resguarda atrás de um livro e finge ler, quando, na verdade, fica observando as meninas novinhas no parque.

“Estúpida. Lia as notas sociais, casamentos, batizados, aniversários, coisas deste gênero. Estúpida” (p. 42). E Luís ainda chama a mulher dos cabelos de fogo de “Preguiçosa, ingrata, leviana” (p. 67). Como se pode notar, não são os melhores termos para se referir à pessoa amada.

Mas é importante ressaltar, justamente nesse ponto, que, como se delineou acima, talvez não se possa chamar nem só de amor nem só de desejo físico o que Luís sentia por Marina, mas tratava-se de uma série de emoções diversas e articuladas que falam do personagem, sobre ele e por ele. Luís aproveitou o momento, já que se encontrava, àquela altura – em “janeiro do ano passado” –, em uma condição financeira tranquila, e deixou-se fisgar por “Aquela que estava ali a meia dúzia de passos, cortando os ramos secos das roseiras, vermelha como pimenta (...) [que] devia ser quente demais” (RAMOS, 1997, p. 36). Ou seja, Marina é objeto dos desejos de Luís da Silva, justamente por lhe correr “a vida quase bem” (p. 34). Contudo, Luís se move com descuido em direção àquilo que deseja, pois a “franga” acabará por leva-lo à ruína. “Sim senhor, disse comigo, muito poética, aí entre as roseiras, com os cabelos pegando fogo e a cara pintada” (p. 33). E mais adiante ele arremata: “O que é certo é que eu precisava mulher” (p. 97). Ao recordar os tempos passados, aqueles em que passara fome – primeiro dormira na praça, e depois na pensão de dona Aurora –, Luís vai rememorar esse desejo: “A fome desaparecera, mas a falta de mulher atormentava-me. As que passavam na rua tinham cheiros violentos, e eu andava com as narinas muito abertas, farejando-as, como um bode” (p. 98). As narinas de Luís da Silva simplesmente se abriram aos cheiros da franguinha Marina.

Embora a moça, para Luís, represente um papel de objeto de desejo sexual, curiosamente ele atesta que poderia tê-la visto nua, caso quisesse, mas não o fez. Era só deslocar o tijolo solto entre os dois banheiros contíguos, mas ele se controlou, gostaria de vê-la nua apenas com a permissão dela. Assim, percebe-se que ele demonstra, com esse comportamento, uma certa ética diante do desejo de apenas considerá-la na ordem sexual, de certo modo, redimir-se de seus planos luxuriosos. Tanto é que, quando as coisas começam a ficar sérias entre os dois, Luís concorda de pronto em casar-se com ela. São suas as palavras que se seguem: “Como vêm, eu tinha boa vontade. O que receava era transformar as nossas relações, miúdas, num acontecimento social importante” (RAMOS, 1997, p. 67). É preciso lembrar que Luís não fazia parte das altas rodas da sociedade, e disso tinha plena consciência; como dito, ele era sim um desajustado, um desprezado, um zé-ninguém. E, embora um sujeito descolado nas agruras da vida, ele demonstra às vezes uma certa dose de ingenuidade, especialmente no que se refere à sua relação com Marina. Quando ele entrega dinheiro à moça para que ela cuide dos preparativos do casamento, a reação dela é desagradável. Ele diz que ela “recebeu o dinheiro sem constrangimento, e eu me sensibilizei julgando que ela procedia assim por estar identificada comigo” (p.

71). Sabe-se que não é o caso. Marina é uma interesseira, que vai abandonar o noivo por outro melhor estabelecido financeiramente, o capitalista Julião Tavares. Mas, assim como Luís, este também não é nenhum príncipe de contos de fadas. Julião vai se tornar um inimigo para Luís, “o homem odioso que tinha tudo, mulheres, cigarros” (p. 187). Quando Luís volta para casa, depois de ter comprado para a noiva os presentes que lhe custaram os últimos vinte-mil-réis da poupança miúda, ele vê Marina deixando-se cortejar pelo sapo balofo Julião. Mas não se trata apenas de ciúme na ordem das coisas; o personagem se angustia diante da recusa. Como argumenta Alfredo Bosi: “O roteiro do autor de *Vidas Secas* norteou-se por um coerente sentimento de rejeição que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo” (BOSI, 2013, p. 429). Portanto, o que já se vislumbra, desse ponto em diante, são “graves sintomas de decomposição social” (RAMOS, 1997, p. 78). É o que irá constatar Luís da Silva, amargamente: “Caminhei tanto, e o que fiz foi mastigar papel impresso. (...) Quando a realidade me entra pelos olhos, o meu pequeno mundo desaba” (p. 78-79).

Bosi vê na ideia de rejeição uma categoria que unificaria a obra romanesca de Graciliano (2013, p. 431), e que se evidencia com clareza no comportamento do personagem protagonista de *Angústia*. A partir da recusa de Marina, ele se desestrutura, passa a revirar-se, sem poder se fixar, como as voltas dadas por um parafuso espanado; ele se recolhe para dentro de casa e para dentro de si mesmo: “Entro no quarto, procuro um refúgio no passado” (RAMOS, 1997, p. 20). O personagem quer exatamente isto: refugiar-se da realidade do presente, justamente devido ao seu alheamento com a realidade, quer proceder à “autoanálise, a ‘parada’ que significa o esforço de compreender e de dizer a própria consciência” (BOSI, 2013, p. 431). É o narrador mesmo quem descreve o movimento: “Está claro que todo o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer” (RAMOS, 1997, p. 22). Ao reescrever as suas notas, debruçado na mesa da cozinha – pois é isto o que está acontecendo no presente narrativo do romance –, o personagem aciona ora a memória e o parafuso volta-se para um lado, ora aciona a imaginação, geralmente angustiada, e o parafuso volta-se para o outro lado. Como aponta Mourão, “É a sua consciência que o personagem descreve ou reproduz desde o primeiro momento” (MOURÃO, 2003, p. 88). E ali sentado, naquele gabinete improvisado, o narrador observa, imagina, reflete, questiona os seres vivos que o afetam, e mesmo aqueles que absolutamente não deveriam afetá-lo: “Há mesmo duas personagens, o homem que enche as dornas e a mulher que lava vidros, de quem nada se sabe, exceto que Luís os observa e projeta neles sua tristeza” (BUENO, 2006, p. 624). Se esses dois figurantes são convocados a participar de seu delírio, o que dizer então das personagens que efetivamente entram no alvo do protagonista? Há muitas delas que Luís expõe com bastante eloquência. Acompanhe-se mais de perto as cores

com as quais o narrador-protagonista pinta alguns desses caracteres que lhe cruzam o caminho.

Dona Rosália, a vizinha da casa da direita, na acepção de Luís, era uma “Mulher antipática, amarela, muito faladora. Quase nunca a encontro. Felizmente há o muro que nos afasta” (RAMOS, 1997, p. 39). No entanto, na continuação desse trecho, ao falar dos filhos da vizinha, o personagem se torna mais condescendente, dá os primeiros indícios de que, na verdade, tem o coração mole, além da cabeça frouxa: “Vejo às vezes por cima dele [do muro] cabecinhas de crianças que esperam momento favorável para furtar as mangas dos galhos que lhes chegam ao alcance das garras. Fujo para não importuná-las, mas são assustadiças e escondem-se” (p. 39). O personagem afirma, “fujo para não importuná-las”, expressão que pode ser considerada a tônica de seu comportamento no romance. Luís, de fato, não quer importunar ninguém, ele só quer continuar a levar sua vidinha pacata, insossa mas tranquila, acomodado fumando e bebendo em sua sala de jantar. Luís foge da vila, ainda na infância, depois da morte do pai; Luís foge de seu único amigo, o judeu Moisés – embora talvez não seja um amigo de verdade – para que este não se sinta incomodado em ter de cobrá-lo de uma dívida; Luís deseja que Julião Tavares corra, fuja dos planos maléficos que ele tem para o inimigo. Ao mesmo tempo em que se torna um observador da realidade, Luís da Silva se afasta dessa realidade frustrante do presente, refugiando-se no passado, na memória, na imaginação, no sonho, porque ele “não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo” (BOSI, 2013, p. 429).

De seu Ivo, o bêbado errante, um verdadeiro coitado, Luís diz: “Talvez houvesse também alguma inteligência por detrás daqueles olhos mortos pela cachaça. Um sujeito inútil, sujo, descontente, remendado, faminto” (RAMOS, 1997, p. 48). Mas, logo na sequência, rangendo os dentes, justapõe o bêbado sem eira nem beira a Julião Tavares, espécie de representante do outro polo do espectro social: “O outro sujeito inútil que nos apareceu era muito diferente. Gordo, bem vestido, perfumado e falador, tão falador que ficávamos enjoados com as lorotas dele. Não podíamos ser amigos” (p. 48). Já Vitória, a criada de Luís, é por ele descrita da seguinte maneira: “anda em cinqüenta (sic) anos, é meio surda e possui um papagaio inteiramente mudo” (p. 29). Ele irá se referir a ela, bem mais adiante, como ladra, por causa das moedas que ela encontra na casa e enterra no quintal.

Há também a prostituta da Rua da Lama, a rua das prostitutas na Maceió da época, a quem Luís da Silva dá de comer no café. Ele acha a moça bastante acabada, mas demonstra por ela uma grande compaixão. Ainda que ele acabe não usufruindo dos serviços profissionais que ela oferece, assim mesmo ele faz questão de pagá-la, ficando com raiva pela recusa inicial da mulher:

– Não me faça cometer um desatino. A senhora é relógio para trabalhar de graça? A senhora tem obrigação de andar nua diante de mim? Duas horas de chateação, de conversa mole! A senhora é relógio? A senhora não é relógio. (RAMOS, 1997, p. 82)

Essa mulher pobre que rondava as mesas do café, com fome, às onze horas da noite, servirá de comparação com Marina: “– Escolher marido por dinheiro. Que miséria! Não há pior espécie de prostituição” (RAMOS, 1997, p. 86). E sobre Antônia, a criada de dona Rosália, expressa-se: “É uma criatura ingênua, meio selvagem. Acredita em tudo quanto lhe dizem e tem grande necessidade de machos. Quando pega um, entrega-se inteiramente. Não escolhe, é uma rede” (p. 54). Tal juízo de valor, cruel, demasiadamente duro, entretanto, trai-se, amenizando-se poucas linhas adiante: “A presença dessa criatura vagabunda e galicada² traz-me sentimentos bons” (p. 54). Luís deixa entrever, desse modo, sua tentativa de filiação aos personagens mais simples, à margem, aqueles que, como ele, enredam-se como parafusos na engrenagem da máquina social.

“SENTIDO ANTI-HORÁRIO” OU AS OUTRAS VOLTAS DO PARAFUSO

Pouco depois da metade da narrativa, encontra-se o que talvez seja a passagem mais esclarecedora do livro. Luís da Silva entra em uma bodega, na Ladeira Santa Cruz. Dentro do estabelecimento, ele observa a vida simples dos populares, os desocupados, os bêbados, as mulheres da vida, as crianças que brincam do lado de fora, demonstrando uma empatia extrema por esses excluídos. Acompanhe-se mais detidamente esse olhar complacente de Luís, agora não mais em relação às personagens que permeiam seu dia a dia, mas, mais propriamente, aos figurantes que habitam os ambientes pelos quais, angustiado, locomove-se – ou, “move-se como louco”.

La sentar-me no canto mais escuro, longe do candeeiro de petróleo, longe dos homens de camisas sem mangas e das mulheres que arrastavam tamancos. Vagabundos? Nada. Estavam ali indivíduos de várias profissões. O moleque tisonado era engraxate. A mulher de chinelos, que trazia uma garrafa de querosene pendurada no dedo por um cordel, tinha modos de pessoa séria, casada ou amigada. A rapariga pintada de branco e vermelho, com marcas de feridas nos braços, devia ser uma ratuina como Antônia. O homem gordo era pedreiro, via-se pelas manchas de cal na roupa. (...) O rapaz de cabelos compridos que tocava violão provavelmente não se ocupava. (...) Os meninos que brincavam na rua

² Que ou quem foi contaminado com gálico ou sífilis, ou seja, doenças venéreas. Na realidade, gálico é o mesmo que sífilis.

quando estiava, às carreiras e aos gritos, horas depois estariam no grupo escolar, os cotovelos na carteira, escutando, ou não escutando, a voz da professora. Vinte anos depois seriam balizas no clube carnavalesco, contramestres de chegada, donas-de-casa sossegadas que levariam, pendurada no fura-bolo, uma garrafa de querosene amarrada pelo gargalo, mendigos como aquele que ali estava com a perna estirada coberta de trapos. (...) O dono da bodega era triste. Certamente pensava no aluguel (...) As crianças dançavam e cantavam na rua molhada. Dentro de vinte anos as que gostassem de torcer-se no mesmo canto seriam parafusos. Ignorariam o que existisse longe delas, mas conheceriam perfeitamente as coisas por onde passassem as suas roscas. (RAMOS, 1997, p. 114-115)

Luís, filho de uma “raça vagabunda e queimada pela seca” (RAMOS, 1997, p. 23), narra o que observa e procura se identificar com aquelas pessoas da bodega, mesmo tendo consciência de que ele não faz parte, ou não mais faz parte, daquela realidade:

(...) entrava numa bodega, tentava conversas com os vagabundos, bebia aguardente. Os vagabundos não tinham confiança em mim. Sentavam-se, como eu, em caixões de querosene, encostavam-se ao balcão úmido e sujo, bebiam cachaça. Mas estavam longe. As minhas palavras não tinham para eles significação. Eu queria dizer qualquer coisa, dar a entender que também era vagabundo, que tinha andado sem descanso, dormido nos bancos dos passeios, curtido fome. Não me tomariam a sério. Viam um sujeito de modos corretos, pálido, tossindo por causa da chuva que lhe havia molhado a roupa.

(...) Encolhia-me timidamente. Não simpatizavam comigo. Eu estava ali como um repórter, colhendo impressões. Nenhuma simpatia.

A literatura nos afastou: o que sei deles foi visto nos livros. Comovo-me lendo os sofrimentos alheios, penso nas minhas misérias passadas, nas viagens pelas fazendas, no sono curto à beira das estradas ou nos bancos dos jardins. Mas a fome desapareceu, os tormentos são apenas recordações. Onde andariam os outros vagabundos daquele tempo? (...) Alguns raros, teriam conseguido, como eu, um emprego público, seriam parafusos insignificantes na máquina do Estado e estariam visitando outras favelas, desajeitados, ignorando tudo, olhando com assombro as pessoas e as coisas. Teriam as suas pequeninas almas de parafusos fazendo voltas num lugar só. (RAMOS, 1997, p. 113-114)

Não obstante esse derramamento lírico e saudosista, dois comentários de Luís, em momentos dos mais alucinados, contrapõem esse olhar empático para com os populares:

Há criaturas que não suporto. Os vagabundos, por exemplo. Parece-me que eles cresceram muito, e, aproximando-se de mim, não vão gemer peditórios: vão gritar, exigir, tomar-me qualquer coisa. (RAMOS, 1997, p. 7)

[E eu vi] Um maloqueiro, um vagabundo que pedia esmola. Enfureci-me e gritei: Puta que o pariu. (...) Onde vamos parar com tantos mendigos? Isso tem jeito? (p. 213-214)

As voltas do parafuso frouxo de Luís da Silva prosseguem, movendo-se para um lado e para o outro. Quase ao final da narrativa, depois de ter cometido o crime e adentrado a cidade, Luís encontra um vagabundo, um maloqueiro dormindo na rua. Mas nesse momento, quem pede, e ganha, alguma coisa, no caso um cigarro, é Luís. Com este personagem, mais uma vez, ele tenta, em vão, fazer-se próximo, identificar-se. Mesmo todo sujo de lama e sangue – ele recém deixou a cena do crime –, com o passado repleto de perrengues, tendo chegado a dormir na rua, o modo de falar de Luís da Silva destoa daquele que seria esperado para uma pessoa simples, o que denuncia sua posição distinta em relação ao mendigo:

– Muito obrigado. Sinto muito dar-lhe incômodo.

– Hem?

Esta exclamação mostrou-me que o homem havia percebido em mim um animal diferente dele. (...) Olhei a minha roupa. Estava imunda, com um rasgão no joelho, desarranjado. Mas usava palavras de gente bem vestida. –“Sinto muito dar-lhe incômodo.” Para que tapeação? Queria fumar. Bem. Voltariam as forças. (RAMOS, 1997, p. 201)

Visivelmente Luís não é um marginalizado, como esses com os quais procura estabelecer contato; ele é um desajustado, mesmo entre esses populares. Ele se esconde no café, por causa das pessoas ricas, ele anda cabisbaixo pelas ruas, escondendo-se de tudo e de todos, mas ele também permanece calado na bodega, porque não faz parte do mundo das pessoas abastadas, mas também não faz parte do mundo das pessoas simples. As primeiras são aquelas pessoas que mandam nele: “Se elas desejarem qualquer coisa de mim, falarão de longe (...) Esses homens dominam-me sem mostrar o focinho: Manifestam-se pelo arame, num pedaço de papel” (RAMOS, 1997, p. 118) –, e ele sabe disso. Ele sempre soube. No início do romance, transparece a visão que o protagonista tem a respeito deste grupo de personagens, aqueles que estão do lado da prosperidade, do capital: “Fujo dos negociantes (...) Dinheiro e propriedades (...) me dão sempre desejos violentos de mortandade e outras destruições” (p. 8-9). Movem-se na cabeça do protagonista diversas personagens desse tipo, que seriam, em suas próprias palavras, “como um bando de vermes”. Quando ele relata quais são os tipos sociais que povoam o café que ele frequenta, ele divisa,

entre outros, o grupo dos médicos, dos advogados, dos comerciantes, dos funcionários públicos, e dos literatos. Em vez de procurar se integrar ao menos ao grupo dos funcionários públicos ou dos literatos, aos quais poderia efetivamente fazer parte, ele, pelo contrário, esconde-se:

Os olhos estão quase invisíveis por baixo da aba do chapéu, e uma folha da porta oculta-me o corpo. Uma criaturinha insignificante, um percevejo social, acanhado, encolhido para não ser empurrado pelos que entram e pelos que saem. Perto um capitalista fala muito alto, e os cotovelos sobre o mármore dão-lhe na sala estreita espaço excessivo. No grupo da justiça as palavras tombam medidas, pesadas, e os gestos são lentos. Além, dois políticos cochicham e olham para os lados. (RAMOS, 1997, p. 25)

Para Luís, esses são os “tipos bestas. [Eles] Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes. Quando avisto essa cambada, encolho-me, colo-me às paredes como um rato assustado. Como um rato, exatamente” (RAMOS, 1997, p. 8). Logo no segundo segmento, ou seja, ainda no início da narrativa, as oscilações comportamentais de Luís, que não pertence nem a um grupo social nem a outro, já ficam mais evidentes. É ali que se localiza a célebre viagem de bonde realizada pelo personagem, que vai da cidade para a periferia, o que representaria a passagem do presente narrado para o passado. O personagem, ao embarcar no bonde, desloca-se tanto física como psicologicamente: vai do centro de Maceió para Bebedouro, um dos extremos da capital, ao mesmo tempo em que deixa o presente e rememora sua história. Mourão comenta sobre esse momento: “A viagem do bonde se associa com a viagem da memória, a cidade com o presente, o interior com o passado, Ponta-da-Terra com a juventude, Bebedouro com a infância” (MOURÃO, 2003, p. 94). Nessa viagem, um comentário do narrador sobressai, na direção do que se vinha apontando. Ao olhar para fora, Luís verifica que do lado esquerdo estão as casas “da gente rica, dos homens que me amedrontam, das mulheres que usam peles de contos de réis” (RAMOS, 1997, p. 10). E acrescenta: “Diante delas, Marina é uma ratuína” (p. 10). Ela, assim como ele, também é comparada a um rato, e pelo mesmo motivo: o não pertencimento a nenhuma das classes sociais. Mas percebe-se que essa ideia dos ratos, e a ideia de sujeira que a ampara, está no romance inteiro: Luís, Marina, os ricos do café, todos são ratos, como aponta Bueno:

Em *Angústia* o rato não é somente um ser da qualidade de Luís, que vive à margem, alimentando-se das migalhas que o descuido de alguém mais poderoso deixa no caminho. Os ratos são ladrões – e os ratos que lhe infestam a casa roubam-lhe a comida e os livros. Os grandes ladrões também são ratos. Logo na

primeira vez que Julião aparece no romance, é descrito como pertencendo a uma estirpe de ratos. (BUENO, 2006, p. 635)

Os ratos geram um sentimento de opressão social, que vai pouco a pouco se tornando cada vez mais constante ao longo do romance. É essa sensação que engendra os menos favorecidos, que agrega a todos, mais uma vez, na imagem do parafuso. Uma vez mais, somos instados a dar voz ao comentário de Mourão, que salienta

Essa figuração do personagem que faz pião de si próprio revela-se ainda mais expressiva ao percebermos que Luís da Silva não é simples marginalizado dentro da organização social, porém precisamente um encurralado, engasgado entre duas barreiras. Sentindo-se encantado pelos ricos (...) não é recebido igualmente pelos mais humildes. Não vê qualquer possibilidade de identificação com eles (...). (MOURÃO, 2003, p. 107)

Como visto, ele procura se identificar com os mais humildes, mas não o consegue completamente, o que irá levá-lo, inevitavelmente, à sensação de não pertencimento que vem a exacerbar a angústia por ele vivida. Luís não está, de fato, nem em um extremo da ordem social nem em outro, como observa Bueno, para quem o protagonista

(...) viu-se obrigado a viver em duas ordens diferentes – além de ter tido experiências da marginalidade mais patente, como a vida nômade e a mendicância. Essa multiplicidade de vivências, ao contrário do que se poderia supor, não o fez compreender melhor o outro exatamente porque revelou esse outro como um universo complicado demais para ser compreendido. (BUENO, 2006, p. 641)

Complicado demais para ser compreendido, o que não impede que Luís da Silva se posicione afirmando “não sou um revolucionário”, mesmo que algumas de suas ideias se inclinam nessa direção: “Seu Ramalho tossia. Assaltava-me o desejo de ver Julião Tavares sujo de azeite e carvão, recebendo na cara as faíscas da fornalha [ou seja, no posto de trabalho de seu Ramalho]. (...) Derretendo as banhas. Inútil preguiçoso, discursador. Canalha” (RAMOS, 1997, p. 90). Luís manifesta aqui o desejo de ver invertidas as posições sociais tradicionais, a do trabalhador humilde e a do capitalista explorador desse trabalho. Julião, herdeiro da Tavares & Cia., comércio de secos e molhados, não precisa trabalhar, tem a vida ganha. A faceta libertária de Luís da Silva fica mais evidente em um comentário seu sobre Marina: “Que me importava que Marina fosse de outro? As mulheres não são de ninguém, não têm dono” (p. 101). Percebe-se que tal comentário desvia a possível formulação equivocada de que este seria um

romance de “ciúme”, recolocando-o na questão, anteriormente comentada, de o personagem principal ser propriamente um rejeitado social. É preciso estar ciente, portanto, que

(...) em Graciliano Ramos a psicologia não se separa da vida social, e em *Angústia* fica muito claro o quanto há de recalque social na crise psicológica que leva Luís da Silva a matar Julião Tavares. (BUENO, 2006, p. 621-622)

Mesmo não pertencendo nem a um nem a outro estrato social determinado – ou pertencendo igualmente aos dois? –, percebe-se que as opiniões de Luís em relação às outras personagens oscila entre a crítica mais dura e a compaixão mais piegas. Uma passagem significativa nesse sentido é aquela em que Marina vai à casa de dona Albertina, a fim de realizar o aborto. Depois de segui-la e esperá-la sair da casa, Luís a intercepta e a xinga repetidas vezes de “puta”, o que pode ser considerado como mais uma de suas contradições: “Vamos andando. Puta! Dizia-lhe o insulto, mas estava cheio de piedade. Não sentia cólera, o que sentia era desgosto” (RAMOS, 1997, p. 174). Ou seja, mesmo tendo sido repugnantemente enganado, Luís mantém a compaixão, ainda que desaforada, por Marina. Ele de fato não a odiava, embora houvesse motivos para isso; ele até a aceitaria de volta, se ela o quisesse e não estivesse irremediavelmente perdida. Tanto ele não a odiava que foram estes os seus termos, quando a moça assumiu para a mãe que se encontrava grávida de Julião: “Marina continuava a chorar. D. Adélia queixava-se baixinho. Eu tinha vontade de chorar também, condoía-me da sorte das duas mulheres e da minha própria sorte” (p. 139). Por dona Adélia, com quem nunca teve tão boas relações, uma vez que ela amenizava o mau-caratismo de Marina com um mero “são apenas coisas da mocidade”, a compaixão mostra-se ainda maior:

A senhora não tem culpa de viver nesse estado, d. Adélia. A senhora não nasceu assim. (...) transformaram a senhora nisso, d. Adélia. (...) E a senhora sofre com isso, porque tens uns restos de dignidade e quer que a respeitem. Nunca se acaba a dignidade da gente, d. Adélia. A gente é molambo sujo de pus e rola nos monturos com outras porcarias, mas recorda-se do tempo em que estava na peça, antes de servir. (...) Hoje é essa miséria que se vê. Fizeram da senhora uma bola de bilhar, uma coisa que vai para onde a empurram. (RAMOS, 1997, p. 139)

Acrescente-se que Luís, em suas andanças e lembranças, manifesta empatia e compaixão mesmo por pessoas que ele sequer conhece. Depois de esbarrar em uma mulher grávida na rua, por exemplo, ele pede perdão repetidas vezes e imagina a vida pobre que ela devia levar:

Era o tipo da mulher de subúrbio mesquinho que varre a casa, lava as panelas e prega os botões com as dores do parto, pare sozinha e se levanta três dias depois, vai tratar da vida. Vida infeliz, vida porca. O homem para um lado, ela para outro, arrastando a filha pequena, a barriga deformada, estazando-se, agüentando (sic) pancadas nos olhos. (RAMOS, 1997, p. 131)

A compaixão do protagonista pelos outros quase não tem limites – “Marina era instrumento e merecia compaixão. D. Adélia era instrumento e merecia compaixão” (RAMOS, 1997, p. 140); e, ainda que Julião Tavares fosse sem dúvidas seu inimigo – “Era evidente que Julião Tavares devia morrer. (...) Necessário que ele morresse” (...) Julião Tavares era também instrumento, mas não tive pena dele. Senti foi o ódio que sempre me inspirou, agora aumentado” (p. 140) –, também a ele estendia-se essa compaixão, embora momentaneamente. Contradizendo sua opinião anterior, a de que não teria piedade por Julião Tavares, Luís da Silva hesita diante da decisão de matar o oponente, quando o plano já se encontra em marcha:

De repente senti uma piedade inexplicável e qualquer coisa me esfriou mais as mãos. Julião Tavares era fraco e andava desprevenido, como uma criança, naquele ermo, sob ramos de árvores dos quintais mudos. (RAMOS, 1997, p. 187)

Ou seja, mesmo aqui Luís da Silva demonstra sua empatia pelos fragilizados – “era fraco e andava desprevenido, como uma criança, naquele ermo” – e quer que Julião Tavares escape, chega até a tentar avisar o inimigo: “Pensei em gritar, avisá-lo de que havia perigo, mas o grito morreu-me na garganta. Não grito: habituei-me a falar baixinho na presença dos chefes. Era preciso que alguma coisa prevenisse Julião Tavares e o afastasse dali” (RAMOS, 1997, p. 190). No entanto, ninguém avisa a vítima e o desfecho é aquele que já se conhece, pois “A compaixão que [Luís] havia sentido alguns dias antes esmoreceu” (p. 147).

CONCLUSÃO

O narrador-protagonista de *Angústia*, Luís da Silva, ao escrever as suas notas, reelabora sua vida oscilando entre o presente e o passado, e “o personagem insiste de tal maneira em reviver os dias idos que o passado acaba por se tornar a sua atualidade” (MOURÃO, 2003, p. 95-96). O tempo presente é tanto o objetivo, em que Luís observa a realidade exterior e investiga sua própria interioridade, como o imaginativo, em que ele sonha de olhos abertos. O passado, por sua vez, é tanto o que lhe sucedeu no ano anterior, quando conheceu Marina e se deram todos os demais acontecimentos, quanto um passado histórico, a

rememoração da infância e da mocidade do personagem – “Tenho-me esforçado por tornar-me criança – em consequência misturo coisas atuais a coisas antigas” (RAMOS, 1997, p. 17). Luís da Silva apresenta uma memória em saltos, em que procura “trazer todas as sensações, tudo o que lhe aconteceu no passado, para dentro de um único instante – o instante da sua consciência” (MOURÃO, 2003, p. 90). O protagonista “louco move-se” entre o passado e o presente, entre o fato e a alucinação, entre o eu e o outro, uma vez que, para ele “todos são o outro, tão inacessíveis e tão inapagáveis quanto foi Madalena e Paulo Honório. Se procurarmos em quem Luís da Silva encontra um irmão, sairemos de mãos abanando. O mesmo não há, só o outro” (BUENO, 2006, p. 636). São todos parafusos mais ou menos presos, mais ou menos soltos, na engrenagem social. E o parafuso que, em vários momentos, parece faltar na cabeça de Luís da Silva, é explorado em *Angústia* de tal maneira que seu autor recebe a seguinte valoração:

Graciliano Ramos, através do conflito com o outro, empreendeu a mais bem acabada fusão entre vida íntima e vida social que o romance de 30 foi capaz de urdir – e talvez em toda a tradição do romance brasileiro apenas Machado de Assis tenha construído momento literário comparável, nesse sentido, ao seu. (BUENO, 2006, p. 641)

Alfredo Bosi tece um comentário no mesmo sentido: “Por volta dos fins da Guerra [a Segunda Guerra Mundial] o seu nome já está consagrado como o do maior romancista brasileiro depois de Machado de Assis” (BOSI, 2013, p. 428). E esse elogio, acredita-se, embasa-se ainda pelo seguinte:

Com *Angústia*, a obra de Graciliano chega a um ponto máximo de exploração psicológica do problema da relação com o outro. Aprofundar o impasse, pelo menos a partir do horizonte presumível neste romance, era ir ao encontro da desagregação total, de que Luís da Silva esteve muito próximo. (BUENO, 2006, p. 641)

Luís da Silva, como procura-se desenvolver nesta análise breve, não chega a se desintegrar, embora até mencione o suicídio, mais de uma vez. Ele simplesmente não se fixa a nada, em nenhuma parte. Pelo contrário, ele oscila constantemente, em várias direções, assim como um parafuso espanado.

REFERÊNCIAS

BUENO, L. *Uma história do romance de 30*. São Paulo: EdUSP; Campinas: Ed. Unicamp, 2006.

PEREIRA, César Filipe. Luís da Silva e a instabilidade de um parafuso espanado. *Scripta Uniandrade*, v. 15, n. 1 (2017), p. 150-165.
Curitiba, Paraná, Brasil
Data de edição: 27 jul. 2017.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CARPEAUX, O. M. Visão de Graciliano Ramos. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 47. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1997, p. 229-239.

MOURÃO, R. *Estruturas: Ensaio sobre o romance de Graciliano*. Curitiba: Ed. UFPR, 2003.

RAMOS, G. *Angústia*. 47. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1997.

CESAR FELIPE PEREIRA é doutorando em Letras – Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná (UFPR). É licenciado, bacharel e mestre em Letras pela mesma instituição e bacharel em Cinema e Vídeo pela Faculdade de Artes do Paraná (FAP). Tem publicado artigos e ensaios principalmente sobre tragédias (gregas, shakespearianas, contemporâneas) e sobre a relação entre literatura e cinema, entre os quais destacam-se: "A universalidade da tragédia Otelo, o mouro de Veneza" (2015) e "Um passeio pela Dublin de Joseph Strick" (2017).